

Em breve, porém, a chuva,
Em gotas cariciosas,
Mata a sede das raízes,
Lava as pétalas das rosas.

As folhas ganham verdura,
A estrada se modifica,
E' a seiva do céu que cai,
Profusa, bondosa e rica.

Aí, reconhecem todos
Que a nuvem, como ninguem,
Sabia trazer consigo
A paz, a alegria, o bem.

Assim, a nuvem da vida
Do infortunio e da desgraça,
Vem sombría e dolorosa,
Chove lágrimas e passa.

*
Um homem, depois das dores,
E' mais lúcido e melhor.
Toda sombra de amargura
Trás consigo um bem maior.

O VÁU

Por benfeitor veneravel,
No seio da natureza,
Rola o rio caudaloso
Escondendo a profundeza.

Enquanto busca reserva,
Guardando seu proprio leito,
Ninguem se arrisca á passagem
Sem cuidado e sem respeito.

O rio jamais se nega
A ceder na travessia,
Mas todos se acercam dele
Com a máxima cortezia.

Socorrem-se os viajantes
Do auxílio de embarcação,
E espera-se a ponte amiga
Como justa construção.

Mas, se um dia, por descuido,
O rio apresenta o váu,
Ai dele! o destino agora
E' triste, amargoso e mau.

Ninguem lhe receia as águas
Noutro tempo respeitadas;
Invadem-nas cavaleiros,
Carros, tóras e boiadas.

As correntes que eram puras
E amadas por justa fama,
Rolam sujas e insultadas
De lôdo, de lixo e lama.

A ponte dorme em projeto
E o rio, embora a beleza,
Depois que exibiu o váu,
Nunca mais teve defesa.

As nossas almas tambem
São como o rio profundo...
A zona de intimidade
Precisa ocultar-se ao mundo.

*

O mal quer turvar-nos sempre.
Vigia. Resiste e vence-o.
Se queres respeito e paz,
Não te esqueças do silencio.

O CIPÓ

Sobre a arvore frondosa
Que mostra calma infinita,
Abraçada ao tronco forte,
Lá se vai a parasita.

Não atinge o cerne, a seiva,
Mas, buscando a copa, as flores,
Enrodilha-se, teimosa,
Pelas cascas exteriores.

Agarrada tenazmente,
Vai subindo vigorosa,
Alcansando o cume verde
Da árvore generosa.

Aboletado nos cimos
Do castelo de verdura,
O cipó audacioso
Aparenta grande altura.

Déita flores opulentas
De expressão parasitária,
Avassalando a nobreza
Da árvore centenária.